


A CARNAVALIZAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO ESTILÍSTICA DO GÊNERO COMENTÁRIO

Eliane Pereira dos Santos*

 <https://orcid.org/0000-0002-0515-4143>

Como citar este artigo: SANTOS, E. P. dos. A carnavalização e a constituição estilística do gênero comentário. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-14, jan./abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETL16309>.

Submissão: 23 de julho de 2023. **Aceite:** 1º de novembro de 2023.

Resumo: O presente artigo objetiva discutir a linguagem carnavalizada do gênero comentário *online* sobre notícias. Selecionamos como *corpus* comentários acerca de uma notícia publicada no portal Terra sobre a divulgação do parecer do Tribunal de Contas da União (TCU), com indicação para rejeição das contas de 2014 do governo federal. O texto é resultado de estudos relativos a uma tese de doutorado, da qual retiramos o *corpus* – uma das notícias analisadas na tese. Como resultados, destacamos a orientação do próprio gênero comentário *online* como orientador de uma linguagem carnavalizada.

Palavras-chave: Carnavalização. Comentário *online*. Dialogismo. Portal Terra. *Impeachment*.

* Universidade Federal do Maranhão (Ufma), São Bernardo, MA, Brasil. E-mail: eliane.ps@ufma.br

INTRODUÇÃO

■ **O** presente artigo é resultado de pesquisa realizada na tese de doutorado sobre a constituição estilística do gênero comentário *online* sobre notícias. Esse gênero surge como réplica ou reação-resposta a diferentes destinatários (reais ou presumidos). O gênero comentário *online* é fortemente marcado por relações dialógicas interlocutivas e interdiscursivas, tanto em relação à réplica direta a outros comentários quanto pela retomada de discursos outros da notícia (texto-fonte) ou por aqueles mencionados na notícia. A construção dos sentidos nesse gênero é fortemente marcada pelo contexto extraverbal, pelas reações dialógicas que ligam o dito ao não dito. Embora seja um gênero que circula na esfera jornalística, possui, geralmente, um estilo próximo da comunicação da esfera do cotidiano, com traços estilísticos voltados para a espontaneidade, para o desabafo característico da resposta imediata. As relações de interação nesse gênero revelam uma grande intensidade de relações dialógicas, que apontam para dentro e para fora da cadeia comunicativa. A interação é fortemente marcada pelo diálogo imediato nesse gênero, que se constitui como uma corrente comunicativa na qual cada comentário é marcado textualmente pela alteridade dos sujeitos falantes, ou seja, a alternância dos sujeitos é marcada verbalmente pelo nome ou apelido criado pelo internauta.

Os comentários aqui analisados tiveram como origem uma notícia que trata da divulgação do parecer do Tribunal de Contas da União (TCU) com indicação para rejeição das contas de 2014 do governo federal, representado pela presidenta Dilma Rousseff. Organizamos o *corpus* em quadro com uma sequência de quatro comentários, que são um recorte da tese de doutorado. Segue a notícia que deu origem aos comentários do portal Terra. Ressaltamos ainda que na tese foram analisados também comentários retirados do jornal *online* GGN, mas, por uma questão de espaço, no presente artigo, restringimos o *corpus* a comentários retirados do portal Terra.

Impeachment? Contas de 2014 podem cassar mandato de Dilma?

BBC BRASIL.com

7 OUT 2015

20h59

atualizado às 22h58

O Tribunal de Contas da União (TCU) emitiu parecer nesta quarta-feira a favor da rejeição das contas de governo da gestão Dilma Rousseff de 2014. A decisão representa uma grande derrota para a presidente, pois será usada por opositoristas na tentativa de iniciar um processo de impeachment no Congresso. No entanto, não há consenso entre juristas sobre se a rejeição das contas é suficiente para fundamentar um pedido de cassação de seu mandato.

Por 8 votos a zero, a unanimidade dos ministros entendeu que o governo cometeu irregularidades na gestão das contas federais, melhorando artificialmente o resultado do Orçamento do ano passado e evitando assim cortes de gastos em ano eleitoral.

[...]

Quadro 1 – Notícia do portal Terra¹

¹ Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/tcu-recomenda-ao-congresso-rejeitar-contas-de-dilma-o-que-acontece-agora,71ed4b1dd2391cbba021ada96fe00d5bqq2314gx.html>. Acesso em: 30 out. 2015.

O texto-fonte foi publicado pela BBC Brasil² e retomado pelo portal Terra no dia 7 de outubro de 2015. O espaço jornalístico *online* amplia as possibilidades de interação com o público leitor, que também passa a participar ativamente do debate, da discussão acerca da notícia lida, uma vez que a leitura permite a resposta imediata não apenas sobre a notícia, mas também entre os comentadores. Esse imediatismo associado a um certo anonimato pelo uso de apelidos dos comentadores pode colaborar para uma outra característica do estilo do gênero comentário *online*: a carnavalização da linguagem é resultado da interação em um espaço de críticas, autoexpressão e desabafos.

O CONCEITO DE CARNAVALIZAÇÃO EM BAKHTIN

Bakhtin (2013 [1940]), ao analisar a obra de Rabelais, vai defender a carnavalização como uma concepção de mundo que divide a vida oficial da cultura popular. Dois mundos em que os habitantes podem ser os mesmos, vivendo duas realidades diferentes. A cultura popular, a vida oficial virada ao avesso, aquela na qual as pessoas vivem conforme as regras ditadas pela sociedade, pelas hierarquias, pela seriedade, pela necessidade de uma imagem aprovada socialmente. O homem desde sempre sentiu a necessidade de ser livre, de viver no dia a dia de forma mais espontânea, com maior liberdade. O Carnaval, a festa popular em praça pública, passa a ser a oportunidade de libertar-se das amarras do mundo oficial, vendo e sentindo o mundo a partir de outro ponto de vista, aquele da cultura popular, vivida pelas pessoas no seu cotidiano, fora daqueles momentos da vida oficial. Esses dois mundos são marcados por uma relação dialógica de confronto entre a cultura popular e a vida oficial. A festa popular chamada Carnaval é valorizada como momento de liberdade, de ser o que não se pode ser em determinadas situações. Dois mundos divergentes, mas igualmente necessários. Santos (2018, p. 67), ao comentar a separação entre esses dois modos de viver, afirma:

Tínhamos, desse modo, uma separação, uma cisão entre o mundo tido como oficial e o mundo da cultura popular. No primeiro caso, temos a cultura de maior prestígio, em outras palavras, ideologicamente dominante (esferas ideológicas mais estabilizadas, principalmente a Igreja e o Estado). Já no segundo caso, temos a cultura popular predominante nas classes sociais mais simples, de menor prestígio social.

A relação de subversão entre cultura popular e vida oficial é marcada respectivamente pela ideologia do cotidiano e pela ideologia das esferas dominantes, aquelas mais estabilizadas, principalmente a igreja, o estado e a arte. A festa popular Carnaval visa subverter, contraditar um modo estabilizado de ser e de agir conforme normas sociais, impostas como corretas. Bakhtin (2013) destaca que o homem sempre sentiu necessidade de transitar entre esses dois mundos: o da cultura popular e o mundo da vida oficial. O autor faz referências a algumas

2 A BBC Brasil completou, em 2008, 70 anos de existência. São sete décadas de produção jornalística da BBC em português para ouvintes, internautas e espectadores brasileiros. Ao ser criado, o serviço da BBC em português era apenas uma pequena parte da equipe de meia dúzia de jornalistas responsáveis pelos programas enviados para toda a América Latina. O restante da equipe produzia notícias em espanhol. Atualmente, a BBC Brasil tem cerca de 30 funcionários, sendo eles 25 jornalistas, divididos entre sua sede, em Londres, um escritório em São Paulo e correspondentes em Brasília e Washington (Estados Unidos). Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/institutional/090120_expediente_tc2. Acesso em: 30 out. 2015.

personagens de festas populares, desde a Idade Média até o Renascimento, tais como o bobo da corte e o bufão, para mostrar que esses personagens tinham como características, o riso, a liberdade de expressão, a crítica ao mundo oficial.

No Renascimento, a cosmovisão carnavalesca, antes restrita à cultura popular, passa a integrar também a literatura e, portanto, a vida oficial: “A inserção da cultura popular na vida oficial, na literatura, proporciona mudanças e possibilidades outras de uso da linguagem. A essa visão de mundo mediada pela cultura popular que passou a integrar a literatura” (Santos, 2018, p. 67). Bakhtin (2013) chamou a presença de uma cosmovisão carnavalesca na literatura de carnavalização. A linguagem carnalizada aponta para a flexibilização da fronteira entre a vida e a arte: “Em resumo, durante o carnaval é a própria vida que representa, e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real” (Bakhtin, 2013, p. 7). O estilo da festa popular invade a linguagem, com sua comicidade, subversão das formas cultas da língua, com a presença de grosserias, subversão das fronteiras hierárquicas entre falante e ouvinte, entre outras manifestações características da linguagem carnalizada. Santos (2018, p. 68) ressalta o caráter de liberdade no uso da linguagem promovido pela influência da cultura popular na literatura:

[...] uso de recursos linguístico-estilísticos mais livres, menos presos a uma língua oficial. Essa liberdade de expressão permite ao autor uma série de recursos para ironizar, debochar, polemizar, burlar normas sociais dentro da esfera oficial.

Com a carnavalização, a cultura popular ganhou voz na literatura para lutar contra a opressão do poder dominante, surgindo, assim, uma literatura mais próxima do povo, enquanto sujeito integrante também da cultura popular, uma literatura mais próxima da vida real, pois muito do que se é criticado, ironizado, ridicularizado na cultura popular também é vivido pelos representantes do poder dominante, das esferas ideológicas mais estabilizadas.

Bakhtin (2013, p. 14) compara o grau de intimidade dos envolvidos na festa de Carnaval com uma grande família, na qual há uma aproximação que permite uma interação espontânea, engraçada, por vezes, carregadas de grosserias, juramentos, palavrões, obscenidades: “A linguagem familiar converteu-se, de certa forma, em um reservatório onde se acumularam as expressões verbais proibidas e eliminadas da comunicação oficial”. Assim entendemos a linguagem característica do comentário *online* sobre notícias. O espaço digital passa a ser visto pelos internautas como uma praça pública carnavalesca em que qualquer um pode interagir, um lugar comum, de convivência familiar proporcionada pela possibilidade de interação imediata e espontânea, marcada pela flexibilização das fronteiras hierárquicas, pela minimização das fronteiras entre o público e o privado. Isso permite o uso de uma linguagem diferente daquela mais formal em seus aspectos estruturais e sociais.

No estilo carnavalesco, destaca-se o riso. Ao analisar a obra do escritor Rabelais, Bakhtin (2013) faz uma caracterização do riso desde a Idade Média até o século XIX. Na cosmovisão carnavalesca, o riso adquire um tom irônico, contraditório, de construção e reconstrução, fortalecendo-se entre o ser e o não ser, alinhando-se à ideia de duplo, de caráter pluriestilístico da vida e da linguagem. No mundo oficial, nem sempre se vive uma identidade coerente com o ser no meio familiar, no cotidiano da vida real. A cisão entre a cultura popular e a vida oficial marca uma contradição entre o eu para mim e o eu para o outro, enquanto

concepção de mundo oficial. O eu para mim não pode despir-se por completo diante do eu para o outro, sob pena de ser ridicularizado, condenado, abandonado, menosprezado, e, portanto, é preciso, muitas vezes, viver de aparências, preso a um comportamento que não se sustenta fora do mundo oficial. O riso da festa popular é capaz de criar um espaço em que valores diferentes são contraditados graças à entonação cômica, à encenação, à liberdade de expressão. Sobre o riso, Santos (2018, p. 66-67) esclarece:

O riso carnavalesco ridiculariza, vai de encontro àquilo que se estabilizou como oficial, mas que aprisiona o espírito do homem em leis universais características de esferas ideológicas dominantes, que ditam, verticalmente, o que pode e o que não pode ser feito e nem dito. São esses comportamentos padronizados que o riso atravessa mostrando o outro lado da vida. Ele permite ao homem ser o que não pode ser, dizer o que não pode dizer na vida oficial.

No riso carnavalesco, as identidades são travestidas, os lugares sociais são alternados, o proibido passa a ser cômico, as lentes da seriedade dão lugar ao riso, ao faz de conta, a liberdade sobressai sobre o convencionalismo das regras sociais. Assim, o adulto pode vestir-se como um bebê, o homem comum pode ser o rei, um recipiente usado para urinar pode ser usado como chapéu na cabeça, ou seja, o absurdo passa a ser o real naquele momento. Bakhtin (2013, p. 83) explicita: “Os homens da Idade Média participavam igualmente de duas vidas: a oficial e a carnavalesca, e de dois aspectos do mundo: um piedoso e sério, o outro, cômico”. Embora esses dois mundos não se fundissem, e um fosse a negação do outro, ambos eram igualmente necessários, pois era nessa dualidade que o homem tomava consciência de si e da sociedade em que vivia, conhecia os padrões impostos por essa sociedade, e, ao mesmo tempo, as formas de burlar muitas das normas vividas na esfera oficial.

Sobre o riso carnavalesco, Bernardi (2009, p. 78-79) explica: “Pela linguagem contaminada pelo riso e pela paródia, o homem do povo tomava consciência crítica da existência de dois mundos – o mundo oficial, normativo, onde viviam os donos do poder, e o mundo”. A carnavalização pode ser vista como forma de lutar, criticar, de desnaturalizar certos padrões tipificados por esferas ideológicas dominantes, como normas a serem seguidas; forma de contraditar certas posições sociais, rompendo fronteiras hierárquicas, promovendo alternância de lugares sociais. Na festa de Carnaval, a bebida, a nudez e o proibido (a sexualidade, o erotismo, o sarcasmo, a inversão hierárquica, o palavrão, o faz de conta ao assumir a identidade de alguém hierarquicamente superior ou inferior) ganham destaque. Os participantes agem espontaneamente, como se estivessem em um ambiente familiar, desconstruindo valores da vida oficial a partir da encenação de atitudes da vida cotidiana, da cultura popular, mas dando a essas ações um grau de exagero, hiperbólico, chegando ao grotesco no que se refere, por exemplo, às ações de comer e beber na festa popular: “O comer e o beber são uma das manifestações mais importantes da vida do corpo grotesco. As características especiais desse corpo são que ele é aberto, inacabado, em interação com o mundo” (Bakhtin, 2013, p. 245). Na festa popular, o comer e o beber acontecem de forma exagerada, e não do mesmo modo que acontecem na vida cotidiana. O Carnaval permite a percepção de que não há um acabamento do ser e nem do mundo, pois tudo é possível de ser desconstruído e reconstruído a partir de diferentes pontos de vista. Nessas festas, predomina o grotesco, e o exagero das

inversões de valores e de comportamentos, e a valorização das referências às partes baixas do corpo humano (dejetos e sexualidade) contribuem para romper ou minimizar as fronteiras hierárquicas entre os seres humanos nesses espaços carnavalizados.

A linguagem carnavalizada passa a ser uma arena de luta para rompimento de certas verdades, que são contraditadas de forma irônica e cômica, ganhando destaque os palavrões, as ofensas, o riso debochado, entre outras formas de grosseria. Ao discutir a violência verbal no gênero comentário *online*, Cunha (2013) diz que, nos *sites* de jornais, as confrontações verbais mais agressivas podem ser explicadas em parte pelo anonimato da maioria dos internautas dessa comunidade virtual, pela característica desse espaço aberto, em que eles podem dar livre curso a reações emotivas.

A concepção de carnavalização em Bakhtin (2013, p. 9-10) alinha-se perfeitamente à ideia de inacabamento do ser e na linguagem:

Essa visão oposta a toda ideia de acabamento e perfeição, a toda pretensão de imutabilidade e eternidade, necessitava manifestar-se através de formas de expressão dinâmicas e mutáveis (proteicas) flutuantes e ativas. Por isso todas as formas e símbolos da linguagem carnavalesca estão impregnados do lirismo da alternância e da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder.

A carnavalização permite a percepção do mundo e do homem em sua dinâmica social, perpassada pelas contradições, pelo inacabamento, pela pluralidade de pontos de vista, de valores que revelam a heterodiscursividade, a heterogeneidade da vida, do homem e da linguagem. Santos (2018) afirma que a linguagem é iluminada pela cosmovisão carnavalesca, adequando-se a ela e, portanto, sendo flexível, dinâmica, desequilibrando o que se tenta uniformizar como normas acabadas e imutáveis, formas linguístico-estilísticas reguladas pela estilística tradicional.

Renfrew (2017, p. 169), ao referir-se à obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, diz: “As aproximações com o conceito de inacabamento e, relacionada com ele, a ideia central de eventicidade do sentido, sua criação ao vivo no processo de interação dialógica, são explicitamente claras”. A ideia de inacabamento ganha vida no riso, contrapondo-se ao sério, às verdades impostas pelo sistema ideológico dominante. Bakhtin (1997 [1929], p. 25), em *Problemas da poética de Dostoiévski*, já havia falado do discurso carnavalesco como forma de liberdade de agir fora da esfera oficial:

Os homens, separados na vida por intransponíveis barreiras hierárquicas, entram em livre contato familiar na praça pública carnavalesca. Através dessa categoria do contato familiar, determina-se também o caráter especial da organização das ações de massas, determinando-se igualmente a livre gesticulação carnavalesca e o franco discurso carnavalesco.

O homem mostra-se dividido entre uma vida oficial – uma vida de aparências, na qual não se permite expressar aquilo que não é coerente com as normas sociais – e uma vida extraoficial (marcada pelas contradições e pelo desejo de renovação).

O Carnaval liberta o participante das preocupações com as aparências, porque está num tempo e espaço em que a autoexpressão ganha lugar de destaque, em que as convenções sociais podem ser criticadas, ridicularizadas, parodiadas, livremente. Na festa de Carnaval, pode-se tirar a máscara por trás da qual se vive uma vida oficial que nem sempre se coaduna com a vida extraoficial ou colocar máscaras que permitam ao participante tornar-se um personagem criticado na vida oficial. Desse modo, podemos dizer que o homem é um ser de máscaras. Sobre a máscara, Bakhtin (2013, p. 35) afirma: “A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo”.

A máscara representa outra identidade, e no Carnaval essa nova identidade é assumida de forma festiva, alegre, cômica, seja numa relação dialógica de convergência – querendo ser o que não é – ou de divergência, crítica, marcando um distanciamento sobre a identidade representada. Esse aspecto do uso da máscara pode ser visualizado no comentário *online*, por meio do anonimato, do uso de apelidos dos internautas. Avaliamos esse anonimato como um aspecto da carnavalização da linguagem no gênero comentário *online*, pois, associada a essa identificação, encontramos uma linguagem diferente daquela esperada em um ambiente público:

Na linguagem carnavalesca, os recursos linguístico-estilísticos tornam-se mais livres, mais ousados, capazes de materializar o caráter dual da vida. A linguagem adquire um tom menos sério, ou seja, mais próximo da esfera extraoficial (Santos, 2018, p. 74).

Encontramos, de forma muito recorrente, essas marcas de carnavalização no gênero comentário *online* sobre notícias, cuja produção e circulação acontecem em um ambiente compartilhado publicamente, mas sem uma exposição direta entre comentador e destinatário. Além de ser uma comunicação mediada pela tecnologia digital, acontecendo virtualmente, o comentador ainda pode usar uma identificação falsa, recorrendo a apelidos.

DIALOGISMO E CARNAVALIZAÇÃO NO GÊNERO COMENTÁRIO ONLINE

O comentário *online* sobre notícias, geralmente, surge como atitude avaliativo-responsiva sobre a notícia, ou sobre o comentário, permitindo ao leitor manifestar uma valoração apreciativa sobre o conteúdo noticiado, sobre o que outros leitores disseram sobre o conteúdo temático da notícia. Embora, no momento de produção do comentário, o internauta esteja diante de uma máquina, a postagem será acessível a qualquer pessoa como numa praça pública carnavalesca. Iniciemos as análises dos comentários³.

3 Os comentários foram copiados e colados com a mesma grafia, como postados no portal Terra e no blog Luís Nassif Online.

1. Magookid.

Ta começando a melhorar agora as contas vão para o senado vamos ver como eles lidam com isto !!! Tendo o Renan Canalheiros presidindo a coisa fica meio suspeita e nunca se esqueçam quem começou e orquestrou toda esta gagada do desgoverno do pt foi o molusco nine fingers cachaceiro bolso fundo a dilmandioca sapiens completou sentando em cima e rodando !!! I Companheiros, IMPEACHMENT já!!!

2. Dunha Limpão:

Pena que no BRASPIZZA mentira não é crime.

3. João:

Dunha Limpão, corrigindo... BRASPITIÇA

4. Edileuza Caser:

O mais novo mantra do PT é: GOLPISMO.... repetem-no 24 horas do dia, sete dias da semana... quatro semana do mês... doze meses do ano... quem sabe assim, depois que o PT for chutado pro espaço, algum deles, jure no futuro bem, bem distante, que foi golpismo que derrubou-os do poder... kkkkkkkkkkkkk

Quadro 2 – Notícia do portal Terra

Como se observa no Quadro 2, todos os comentários revelam um posicionamento favorável ao *impeachment*, por meio de uma linguagem marcada pelo riso, pelo deboche, apelidos, flexibilização de fronteiras entre o público e o privado, e entre hierarquias sociais, tendo, por exemplo, de um lado, um internauta comum, do outro, o representante maior do país: a presidenta da República.

O comentador 1 Magookdi usa uma linguagem com neologismos, alusões, ironia, com grande carga de expressividade. No trecho “Ta começando a melhorar agora as contas vão para o senado, antes estava pior Vamos ver como eles lidam com isto!!!!”, o internauta responde a discursos anteriores, trazendo para seu enunciado a voz do público leitor, que ele incorpora por meio da primeira pessoa do plural para organizar o seu próprio discurso, mostrando que seu ponto de vista é comum a muitas outras pessoas. Ao mesmo tempo que ele inicia seu enunciado retomando o já dito, também suscita a resposta do outro por incitar um posicionamento valorativo, apontando para um suposto consenso sobre a necessidade de Dilma Rousseff ser afastada do governo. Essa voz do interlocutor, que é a voz do leitor do portal, é representada por um público de posicionamento político predominantemente de direita. Vale ressaltar que, segundo Bobbio (1995, p. 119), na política do Brasil, não há uma fronteira absoluta entre direita e esquerda, mas sim uma linha contínua:

A distinção entre direita e esquerda não exclui de modo algum, sequer na linguagem comum, a configuração de uma linha contínua sobre a qual entre a esquerda inicial e a direita final, ou, o que é o mesmo, entre a direita inicial e a esquerda final, se colocam posições intermediárias que ocupam espaço central entre os dois extremos, normalmente designado, e bastante conhecido, com o nome de “centro”.

Observamos no contexto político, durante a pesquisa, uma separação de direita e esquerda muito marcada por uma esquerda – formada por petistas – e uma direita – formada por não petistas –, havendo uma polarização na política e nos

discursos da esfera político-jornalística. As vozes favoráveis ao *impeachment* mantêm uma relação dialógica de confronto com aqueles que não comungam com sua ideologia política. A contradição é expressa por meio de uma linguagem que apresenta muitas características de carnavalização, embora fora da esfera literária.

O internauta usa uma linguagem debochada, recorrendo a trocadilhos, apelidos para se referir a Renan Calheiros, que estava sendo investigado pelos crimes de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e formação de quadrilha. Ele usa o palavrão canalha, que, associado ao sobrenome Calheiros, gerou um apelido depreciativo, fazendo alusão aos crimes pelos quais ele responde. Esse tom de brincadeira e criatividade, de deboche no uso da linguagem é recorrente no estilo do gênero comentário *online* sobre notícias. O internauta age com total liberdade para depreciar de forma agressiva, grosseira, debochada daqueles dos quais discorda, independentemente da classe social a que pertencem. No mesmo comentário, o internauta critica o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, chamando-o de *nine fingers*, usando uma metonímia que faz alusão ao fato de ele ter apenas nove dedos⁴. O internauta diz: “e nunca se esqueçam quem começou e orquestrou toda esta gagada do desgoverno do pt foi o molusco nine fingers cachaceiro bolso fundo”. Todo o enunciado é impregnado de uma linguagem carnavalizada, marcada por um estilo que foge das normas de conduta da vida oficial. Santos (2018, p. 15) afirma que “Estudar o estilo de um gênero é antes de tudo estudar o seu funcionamento social, as relações de interação permitidas e organizadas por esse gênero”.

O internauta por trás de um apelido comporta-se como um mascarado em um espaço público, podendo dizer aquilo que não diria assumindo sua própria identidade, encoraja-se a romper com as fronteiras hierárquicas, como feito nos comentários analisados, com o rebaixamento de figuras institucionais de presidente e ex-presidente da República, usando termos depreciativos como se falasse de um bêbado qualquer, usando o termo “cagada” para caracterizar aquilo que ele chama de “desgoverno”. Temos no uso da palavra cagada um elemento característico do baixo corporal, do realismo grotesco, dito em ambiente digital, de livre acesso, como em uma praça pública no momento de Carnaval, sem restrição de quem possa participar ou não do diálogo, sem restrição sobre o que dizer e ser diante do outro. Cunha (2013, p. 247), ao discutir a violência verbal em comentários sobre notícias *online*, reconhece que: “Em sites de notícias, a polarização é a regra, os pontos de vista se contrapõem, cada um permanecendo impermeável ao ponto de vista do outro”. Essa polarização, associada às regras sociais criadas pelos internautas sobre o que pode ou não ser dito, justifica muito do estilo desse gênero. Para Santos (2018, p. 172): “O comentário *online*, no corpus analisado, de forma muito recorrente revela um discurso carnavalizado, marcado fortemente pela necessidade de satirizar, de polemizar, ironizar, de debochar, de criticar um ponto de vista contrário”.

O comentarista se refere à presidenta Dilma Rousseff usando uma expressão de deboche, obscena, dizendo “a dilmandioca sapiens completou sentando em

4 Relato do ex-presidente sobre o acidente em que perdeu um dedo da mão: “quando sofri acidente no trabalho, em 1963, estava empregado na Metalúrgica Independência, de São Bernardo do Campo. As condições de trabalho eram ruins e, para piorar, tudo ocorreu às duas, três da madrugada. Com um pano, tentando conter o sangue, tive de esperar o início do expediente, às seis, para ser atendido pelo médico da empresa”. Disponível em: <http://seguranotexto.blogspot.com.br/2009/02/lula-conta-como-perdeu-o-dedo.html>. Acesso em: 14 maio 2016.

cima e rodando!!!”. Na expressão *dilmandioca sapiens*, o segundo nome⁵, *sapiens*, é uma retomada do discurso da presidenta na cerimônia de abertura dos jogos indígenas, quando ela se refere a uma bola de palha como sendo símbolo da evolução do homem: “quando nós criamos uma bola dessa nós nos transformamos em homens *sapiens* ou mulheres *sapiens*”⁶. A presidenta recorre ao significado da expressão latina *homo sapiens*, criando uma nova categoria da evolução humana: mulheres *sapiens*. O internauta desconsidera em sua fala o contexto extraverbal no qual o pronunciamento da presidenta foi feito, o que justifica o uso da expressão *homo sapiens* como forma de enfatizar a igualdade entre homens e mulheres.

O comentarador cria uma figura grotesca para representar, de forma depreciativa, a autoridade máxima do país, compartilhando sua apreciação debochada, obscena, desrespeitosa em ambiente público, sem nenhuma preocupação em ser responsabilizado e penalizado pelo dito. Isso nos faz comparar o gênero comentário *online* sobre notícia com a festa de Carnaval em praça pública carnavalesca, em que todos se sentem à vontade para dizer e ser o que quiserem. Os personagens criticados pelo internauta são rebaixados ao nível mais inferior, iguais a todos os outros animais, ao fazer referência ao baixo corporal (aos excrementos). Santos (2018, p. 248-249), ao analisar comentários *online* sobre notícias, enfatiza:

Nessa arena discursiva, que é o gênero comentário online, há um diálogo muito intenso entre o discurso oficial da esfera jornalística e o discurso não oficial do internauta que, na maioria das vezes, transvestindo-se de falsa identificação (um apelido), usa uma espécie de máscara para se inserir na cadeia comunicativa formada por comentários que refletem e refratam uma realidade discursivizada pela mídia.

No gênero comentário *on-line* sobre notícia, é recorrente um estilo carnavalesco, uma linguagem, por vezes, grosseira, hiperbólica, alegórica, como é o caso da expressão *dilmandioca*. Vários aspectos do funcionamento do gênero comentário *on-line* podem contribuir para esse estilo carnavalizado. Santos (2018, p. 16) argumenta a favor de que:

O estilo é guiado pelo gênero, pelo tom emotivo-volitivo do sujeito falante, pelo destinatário imediato ou destinatário geral, pelo ponto de vista adotado ou contraditado, pela esfera da comunicação mais imediata, pelo meio ideológico mais amplo.

A linguagem carnavalizada é marcada pela divergência, pela desconstrução e reconstrução. O internauta – no comentário 1 – visa à destruição do que ele chama de desgoverno – o governo do PT – para construção de um governo de direita. A palavra carnavalizada é pluriestilística, marcada pela subversão, pela divergência, sempre agrega diferentes vozes que divergem, polemizam, portanto, diferentes estilos. O comentarador, muitas vezes, passa a ser um personagem das interações virtuais, dizendo coisas que não diria no discurso da vida oficial. Qualquer internauta pode transformar-se em comentarador, deixar o curso da vida

5 O uso da denominação – *dilmandioca* – já foi explicado no comentário 1 do Quadro 2.

6 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/06/1646966-em-cerimonia-com-indios-dilma-sauda-mandioca-e-falade-mulheres-sapiens.shtml>. Acesso em: 14 maio 2016.

oficial e transpor-se para a espacialidade não oficial, saindo da vida comum, na qual os sujeitos são orientados a seguir regras que visam a determinadas ideologias oficiais, com fronteiras hierárquicas demarcadas. Explicando sobre a transposição do sujeito de um mundo oficial para um não oficial, Santos (2018, p. 250) descreve três fatores:

Essa transposição para um espaço marcado pela carnavalização, transforma a realidade a partir de três fatores: 1) aquele que está numa condição hierárquica inferior, nesse espaço, anula essa condição e fala de igual para igual com aquele ou sobre aquele que lhe é no mundo oficial, superior; 2) o espaço público é discursivizado como se não houvesse uma fronteira entre o público e o privado. O comentador diz tudo da maneira que lhe convém; 3) o comentador pode ser travestido, mascarado por apelidos, evitando expor sua própria identidade da vida comum, assumindo a identidade de comentador.

O comentador escolhe livremente as palavras a serem usadas, atualizando-as conforme seu propósito, sua intenção comunicativa, e conforme o propósito comunicativo do gênero. As escolhas linguístico-estilísticas são guiadas por uma visão de mundo, que o faz sentir-se encorajado para não obedecer à orientação das normas sociais e verbais das esferas ideológicas dominantes. Essa subversão encontra no gênero comentário *on-line* campo fértil para o emprego de uma linguagem próxima das relações familiares, da esfera do cotidiano e distante da vida oficial.

Continuando com a análise do comentário 1 de Magookdi, temos: “Companheiros, IMPEACHMENT, já!!!”. O internauta se vale do próprio discurso do PT para contraditá-lo, invocando urgência do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. A palavra companheiros é retirada da boca dos militantes do PT para ser atualizada no discurso favorável ao *impeachment*. Cereja (2008) discute o sentido da palavra companheiro dentro da esfera política, destacando sua origem no discurso socialista e depois a atualização desse sentido nas eleições de 2002, passando a integrar e se estabilizar no discurso petista, sendo, inclusive, uma de suas marcas discursivas.

Nessa atualização de sentido, *companheiros* são aqueles que lutam contra a permanência do governo do PT no poder. Contudo, não há nenhuma materialização verbal da presença de dois discursos. É no contexto extraverbal que conseguimos resgatar as relações dialógicas necessárias para atualizar o sentido no novo contexto de uso da palavra.

Temos nessa transposição da palavra de um contexto para outro, uma visão carnavalesca. O comentador carnaliza a palavra companheiros, retirando-a da boca dos petistas para atualizar seu sentido em um contexto oposto, imprimindo sobre ela um tom irônico, que desvela a voz do internauta de direita (Santos, 2018, p. 175).

O uso dessa palavra no contexto de fala do comentador dá a ela uma entonação de divergência, de ironia, deboche, de desqualificação. Não seria possível atribuir um sentido atualizado à palavra desprovida do elo com enunciados anteriores, recortada do contexto extraverbal, ou do todo do enunciado em que foi empregada. Sobre isso, Santos (2018, p. 176) destaca: “É exatamente o diálogo entre esses dois mundos, somado à compreensão responsiva do leitor, que garante uma valoração axiológico-dialógica no plano da recepção”.

Seguindo a análise, no comentário 2, de Dunha Limpão: “Pena que no BRASPIZZA mentira não é crime”, temos uma relação dialógica de apoio ao *impeachment*. O enunciador utilizou um processo morfológico de formação de palavras, criando uma palavra nova – a expressão BRASPIZZA. Usando um tom de crítica, de deboche, o comentarador faz um trocadilho com as palavras Brasil e pizza, recorrendo a uma voz popular que diz “No Brasil tudo acaba em pizza”, e, nesse contexto, a expressão significa dizer que o *impeachment* deveria acontecer, como forma de justiça, considerando o conteúdo da notícia sobre a reprovação das contas da União pelo TCU. O comentarador usa um tom de crítica, um sentido ancorado em uma alegoria, que ridiculariza de forma cômica, evidenciando uma marca da carnavalização da linguagem.

A correção de BRASPIZZA para BRASPITIÇA faz mais do que uma correção linguística, pois enfatiza o contexto sociopolítico e cultural do Brasil, retirando do neologismo o estrangeirismo, talvez para marcar mais ainda sua entonação depreciativa sobre a postura do país em não punir o suposto crime divulgado na notícia e retomado pelos comentaradores. Encontramos na fala do comentarador 3 relações dialógicas interlocutivas e interdiscursivas, que retomam a voz do comentarador 2, da notícia, do dito popular, e de tantas outras vozes que se colocam contra o *impeachment* da presidenta ou a favor dele. O contexto extraverbal lança luz sobre as escolhas linguísticas e sobre a compreensão responsiva do destinatário. O trocadilho feito com as palavras Brasil e pizza fora das relações dialógicas com o discurso da notícia e dos outros comentaradores não teria a luz necessária para ser compreendido pelo leitor, pois, assim, faltaria o elo com o social.

Passemos agora para a análise do comentário 4, também fortemente marcado por uma linguagem carnavalizada, assim como nos três comentários anteriores:

4. *Edileuza Caser: O mais novo mantra do PT é: GOLPISMO.... repetem-no 24 horas do dia, sete dias da semana... quatro semana do mês... doze meses do ano... quem sabe assim, depois que o PT for chutado pro espaço, algum deles, jure no futuro bem, bem distante, que foi golpismo que derrubou-os do poder... kkkkkkkkkkkkk*

Do mesmo modo que a palavra companheiros, temos aqui na palavra *golpismo* uma mesma palavra com diferentes pontos de vista, uma palavra pluriestilística. Temos dois mundos, dois sentidos, dois posicionamentos ideológicos diferentes. Para o PT, o *impeachment* é um golpe de Estado; para aqueles de posicionamento político de direita, um ato constitucional, justo. A comentaradora 4 retoma, cita o discurso outro para contraditá-lo, desconstruí-lo. Isso acontece com uma entonação de deboche, de deslocamento do discurso do internauta para a esfera religiosa, tendo sua fala comparada a um mantra, espécie de hino, mas como tal ridicularizado. Essa mudança da palavra para outra esfera da comunicação a partir de uma visão carnavalesca passa a servir a outros fins, a partir de um tom de comicidade e subversão. Bakhtin (2013, p. 6) afirma:

O princípio cômico que preside aos ritos do carnaval liberta-os totalmente de qualquer dogmatismo religioso ou eclesiástico, do misticismo, da piedade, eles são além disso completamente desprovidos de caráter mágico ou encantatório.

Para Santos (2018, p. 175),

A entonação dada à palavra GOLPISMO escrita em caixa alta chama atenção, enfatiza um tom de ironia. Na voz dos petistas, é golpismo, mas o riso que finaliza a fala do comentarador deixa soar seu ponto de vista de que o impeachment não é golpismo.

O riso desconstrói, contrapõe-se ao discurso citado, revelando outro ponto de vista, sendo uma compreensão responsiva marcada pela oposição a partir de um tom irônico, de crítica, que visa à construção de uma outra realidade, de um outro mundo contrário àquele ironizado, satirizado.

A linguagem carnalizada empregada nos comentários analisados revela dois mundos. De um lado, temos a seriedade daquele contexto político vivido no momento de processo de *impeachment*, e, de outro, um espaço público de postagens de comentários marcado pelo riso, pelo deboche, pelo tom de escárnio, que materializam um posicionamento político. Uma mídia jornalística de esquerda que luta pela manutenção do governo atual e uma mídia hegemônica de direita que luta pela desconstrução da manutenção da ordem vigente. Santos (2018, p. 180) defende que: “A avaliação do governo da presidenta Dilma Rousseff foi construída pela mídia hegemônica, por isso, grande parte da população avalia neste momento do comentário a atuação do governo PT com as lentes da mídia”. Na época, grande parte da população foi levada a acreditar na verdade construída pela mídia. Assim, tivemos um único acontecimento: o *impeachment* – e duas realidades diferentes: de um lado, golpismo e, de outro, ato constitucional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A liberdade de expressão da opinião pública diante dos acontecimentos noticiados gera nos leitores a expectativa de poder lutar discursivamente por uma ideia, mesmo que seja por um ponto de vista midiaticizado, de poder desabafar, expor opiniões, colocar-se como autor no espaço jornalístico. Os acontecimentos, muitas vezes, são apreciados tematicamente a partir da expressão da indignação, da crítica, imprimindo sobre os enunciados um tom de agressividade e de desabafo. Muitos comentários revelam a ausência de uma autocensura, uma vez que, em outras práticas discursivas, principalmente no meio impresso, mesmo não havendo termos de restrição sobre o que pode ou não ser dito, as pessoas dizem com mais polidez aquilo que é dito no comentário *online* de modo muito agressivo, ousado e zombeteiro, usando xingamentos, insultos e outras formas de violência verbal.

A analogia que fazemos entre uma praça pública carnavalesca e o espaço em que é publicado o gênero comentário *online* é ancorada na fragilidade da fronteira entre o público e o privado. Em ambas as situações, os participantes mantêm um distanciamento da vida real pela possibilidade de assumirem outras identidades, seja por meio de máscaras, fantasias, encenações, como é o caso do Carnaval em praça pública, ou por meio de apelidos, do distanciamento físico, como acontece na publicação do gênero comentário *online* sobre notícias no ambiente digital.

Essa analogia implica também uma aproximação estilística da linguagem empregada no comentário *online* com a linguagem empregada na praça pública da festa carnavalesca. Assim como o estilo do Carnaval em praça pública visa a uma inversão do mundo, a reconstrução da realidade, valendo-se de uma linguagem

sarcástica e cômica, o estilo do gênero comentário *online* sobre notícia é guiado pela autoexpressão de um sujeito falante inconformado com certa realidade e que usa um vocabulário e estilo próximos da linguagem da cultura popular – uma carnavalização da linguagem. O tom valorativo daquilo que se diz semioticamente no comentário *online* é, muitas vezes, avesso ao que está materializado. Nesse gênero, os comentaristas podem dialogar como se estivessem conversando face a face com seus interlocutores em um ambiente familiar e descontraído no qual as fronteiras hierárquicas são minimizadas e as identidades travestidas por apelidos. Isso permite ao comentarista usar uma linguagem solta, livre das convenções da gramática normativa e das normas éticas que têm em vista regular o comportamento do homem, partindo do exterior, ou seja, de normas impostas pela sociedade. Essa liberdade de ser e agir abre espaço para o uso de uma linguagem com marcas de carnavalização.

CARNIVALIZATION AND A STYLISTIC CONSTITUTION OF THE ONLINE COMMENTARY GENRE

Abstract: This article aims to discuss the carnivalized language of the online news commentary genre. We selected as a *corpus* comments about a news article published on the Terra portal about the publication of the opinion of the Federal Audit Court, with an indication for rejection of the federal government's 2014 accounts. The text is the result of studies related to a doctoral thesis, from which we took the corpus – one of the news items analyzed in the thesis. As results, we highlight the orientation of the online commentary genre itself as guiding a carnivalized language.

Keywords: Carnivalization. Online commentary. Dialogism. Portal *Terra*. Impeachment.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997 [1929].
- BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2013 [1940].
- BERNARDI, R. M. Rabelais e a sensação carnavalesca do mundo. In: BETH, B. (org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 167-187.
- BOBBIO, N. *Direita e esquerda: razões e significados de uma razão política*. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.
- CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 201-218.
- CUNHA, D. A. C. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícias. *Calidoscópio*, v. 11, n. 3, p. 241-249, 2013.
- RENFREW, A. *Mikhail Bakhtin*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2017.
- SANTOS, E. P. *O gênero comentário online: um enfoque axiológico-dialógico do estilo*. 2018. 259 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.